

OLHARES CRUZADOS SOBRE O(S) FEMINISMO(S) E A EDUCAÇÃO FEMININA EM PORTUGAL E NO BRASIL NOS ALVORES DO SÉCULO XX DE CARLA BAPTISTA DE FREITAS

Ana Isabel Moniz 

Universidade da Madeira

ana.moniz@staff.uma.pt

Conflito de interesses: nada a declarar. Financiamento: nada a declarar.

Histórico:

Publicação | Published: 18/12/2022



Todo o conteúdo da Herança – Revista de História, Património e Cultura é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

Recensão

Olhares Cruzados Sobre o(s) Feminismo(s) e a Educação Feminina em Portugal e no Brasil nos Alvores do Século XX, da autoria de Carla Baptista de Freitas, é uma obra publicada em 2022, no Funchal, pela Divisão de Publicações da Direcção Regional de Cultura, da Secretaria Regional de Turismo e Cultura. Apresenta-se como um contributo inovador no que diz respeito ao campo específico dos “Estudos Feministas” (Freitas, 2022: 21) no final do Século XIX e nas três primeiras décadas do Século XX, sublinhando, a partir da análise desse domínio de estudos, a abordagem da História das relações culturais entre Portugal e Brasil. A opção de centrar o seu estudo nesse período deve-se às enormes mudanças políticas, sociais e ideológicas que marcaram esse tempo, considerado pela autora como “tempos de mudança, ‘contaminados’ por uma urbanização que formou a classe média”, (Freitas, 2022: 75) nos quais a mulher viria a assumir um papel mais inclusivo.

Na sua missão de uma construção harmoniosa e partilhada do conhecimento, a autora, que se doutorou em 2021 na área da História, pela UAL - Universidade Autónoma de Lisboa, e é membro do CICH - Centro de Investigação em Ciências Históricas, uma Unidade Orgânica do Departamento de História, Artes e Humanidades da mesma Universidade, recorre a perspetivas novas em diversas áreas do saber, com incidência na História, seja no campo da Educação, seja no campo das identidades plurais e interculturais. Trata-se de domínios do saber que permitem um olhar sobre a construção de uma memória histórica, quer a nível social, político e cultural, quer em termos jurídicos e religiosos dos feminismos,

“movimentos sociais” (Freitas, 2022: 141) que no seu árduo percurso aspiraram à conquista de direitos equitativos face aos homens, numa época em que as mulheres viam quase todos os seus direitos negados. É de salientar que, embora em tempos diferentes, na época em que os debates em torno da questão sufragista chegam a Portugal e ao Brasil, esta questão estava já consolidada nos países não só da Europa Ocidental, mas também dos Estados Unidos da América. Um atraso que é justificado por Carla Baptista de Freitas pelas significativas taxas de analfabetismo, com particular enfoque nas mulheres, assim como pela influência da Igreja Católica não só a nível político, mas também a nível da vida privada desse período.

Esta obra, que tem como área de estudos “História das Mulheres e do género”, como é designada por Irene Vaquinhas de (2002: 209)¹, pretende “salientar a importância da circularidade dos saberes e preencher, desse modo, algumas lacunas existentes na reconstrução de um período histórico em que as mulheres lutavam por uma posição mais digna nas sociedades portuguesa e brasileira” (Freitas, 2022: 13), como refere Carla Baptista de Freitas. Para tal, a autora apoia-se num conjunto diversificado de fontes manuscritas e impressas sobre considerações teóricas acerca do espaço reservado às mulheres na sociedade dos referidos países e ainda em biografias das três principais figuras femininas, escritoras e professoras, que constituem objeto de análise neste livro: Ana de Castro Osório, Emília de Sousa Costa e Júlia Lopes de Almeida.

A autora coloca a tónica em várias questões determinantes para a compreensão do tema,

¹ Vaquinhas, Irene M. 2002. “Linhas de Investigação para a História das Mulheres nos Séculos XIX e XX. Breve Esboço”, in

Revista da Faculdade de Letras História. Porto, III Série, vol. 3, pp. 201: 221.

de que podem ser exemplo o papel dos movimentos feministas no processo histórico-natural de Portugal e do Brasil. Assim, procura entender como as mulheres “que combatiam o medo da ‘masculinização’ feminina” (Freitas, 2022: 15) viveram essencialmente num mundo dominado pelos homens e como terão conseguido ultrapassar “a fronteira da trilogia feminina ‘família, casamento e divórcio’” (Freitas, 2022: 15). Para tal, recorre à análise da posição de Ana de Castro Osório, Emília de Sousa Costa e Júlia Lopes de Almeida no que diz respeito a esses temas.

Demonstra, também, ao longo desta obra, que a relação entre a condição feminina e a esfera associativa, cívica e política das mulheres dos dois países em estudo em muito terá contribuído para romper fronteiras. Desta relação, os contextos sociopolíticos terão tido impacto a vários níveis, entre eles, de Educação, de Formação e de Cultura. Defendendo que havia uma circularidade cultural entre Portugal e Brasil próxima, a autora procura esclarecer o fundamento das propostas dos dois países para a existência de um intercâmbio a nível de Educação e de instrução.

A estrutura desta obra, cuja problemática que constitui a base dos três capítulos se circunscreve à História das Mulheres compreendida como história relacional, encontra-se dividida em três capítulos ou partes principais: I- Representações e Transformações da história: Educação e Identidades Interculturais; II – Renovação ou Atualização dos Paradigmas: Mulheres e Movimentos Feministas e III – Dignificação e Emancipação das Mulheres: Duas Sociedades, a mesma Língua.

No primeiro capítulo, a autora analisa a emergência dos movimentos feministas, cujas primeiras manifestações podem já ser detetadas nos Séculos XVII e XVIII, através dos

Salões e da Preciosidade, promovidos por mulheres arrojadas, cultas e influentes, graças à sua classe social. De acordo com Carla Baptista de Freitas, será a partir da década de setenta que em Portugal esta área de estudos irá conhecer um desenvolvimento exponencial traduzido pelo crescente interesse de investigadores e pelos inúmeros estudos científicos realizados. Desde a invisibilidade da mulher na vida social e no mundo à reivindicação de igualdade de direitos, de que podem ser exemplo o exercício da cidadania, o acesso a uma profissão e ao voto, terá de ser trilhado um longo e, muitas vezes, doloroso caminho. Para a autora, o ativismo das mulheres durante as duas guerras mundiais ter-se-á revelado benéfico na conquista dos seus direitos, embora ainda de forma insuficiente. Na sua visão, o panorama literário português no final do século XIX não era animador, já que a maioria dos portugueses não sabia ler (79,4%), uma situação que será alterada apenas a partir da década de 60. Tão pouco o período da I República irá inverter a situação, apesar do interesse gradual a nível do ensino livre e da difusão da cultura por todo o país, através da promoção de diversas manifestações culturais. Acresce a leitura que apresenta acerca da posição da mulher na sociedade durante o período de vigência do Estado Novo, na qual “estava reservado para o mundo feminino um universo à parte: o do lar, o da submissão, primeiro ao pai, depois, enquanto casada, ao marido; e, por fim, mas de longe o que mais a consagrava, o de educadora dos filhos” (Freitas, 2022: 61).

No que diz respeito ao panorama literário do Brasil, a autora refere que as primeiras décadas do Século XX foram pródigas em autoritarismo e exclusão política, com a proclamação da República, em 1889. Será necessário aguardar até o primeiro quartel do Século XX para que algumas influências, tais como europeias e a autocrítica do imperialismo do mundo

ocidental, as vanguardas parisienses das artes plásticas e a valorização das culturas africanas, entre outras, repensassem a arte e a cultura e colaborassem para a emergência de um sentimento novo nas elites intelectuais da América Latina. A mulher viria a desempenhar atividades diferenciadas, algumas delas consideradas transgressoras, tais como a escrita. A abordagem de temas e de conteúdos diversos, não só em jornais como em revistas, demonstram a coragem e a habilidade com que estas mulheres abordavam e divulgavam alguns assuntos que, à época, lhes eram vedados ou apenas discutidos em assembleias privadas, dando como exemplo Júlia Lopes de Almeida.

No caso do Brasil, embora em 1879 o governo brasileiro tenha permitido o acesso das mulheres ao ensino de terceiro grau, apesar do preconceito social a que estavam sujeitas, será apenas nos anos 20 do século passado que o entusiasmo pela educação irá ganhar novos contornos, de modo a ser combatido o analfabetismo que grassava em todas as classes sociais. Contudo, ao contrário das mulheres das classes dominantes, que tinham possibilidade de pagar a sua instrução, as mulheres oriundas dos estratos sociais mais baixos viam a sua educação comprometida. De qualquer modo, segundo Carla Baptista de Freitas, a Escola Normal tutelada pelo Estado e as instituições religiosas tiveram grande importância na formação e elevação da cultura das mulheres brasileiras. Nesta primeira parte da sua obra, a autora sustenta a sua análise em vários estudos nomeadamente, de Irene Vaquinhas, Anne Cova, Rachel Soihet e Joana Maria Pedro, Maria Odília Leita da Silva Dias, Luzia Margareth Rago, Ana Maria Colling, entre muitos outros.

Na segunda parte deste livro, a autora debruça-se sobre a origem, influências e diferenças dos Feminismos, “um termo perigoso, um conceito

controverso” (Freitas, 2022: 137) por se referir a movimentos populares das mulheres que reivindicavam um papel mais interventivo na sociedade, tendo em conta as suas capacidades. Tanto em Portugal como no Brasil, à imagem do que se passava no mundo ocidental, sobretudo a partir do início do Século XX, a criação de Associações vai pugnar pela defesa dos direitos femininos. Estas iniciativas, lideradas na sua maioria por mulheres pertencentes à elite burguesa, tiveram uma duração efémera “devido ao reduzido número de associadas e à falta de apoio por parte dos partidos políticos ou de associações estrangeiras congéneres” (Freitas, 2022: 134). Todavia, a progressiva tomada de consciência sobre uma necessária alteração da condição da mulher na sociedade e na vida começou a ganhar repercussões que se viriam a sentir a vários níveis: social, cultural e até político, sobretudo através do sufragismo e outras reivindicações sobre a igualdade de direitos.

Apoiando-se em inúmeros estudos, tais como de João Esteves, Isabel Lousada e Angela Laguardia, Dominique Fougyrollas-Schwebel, Maria Gabriela Mota Marques, Séverine Thivillon, Júlia Lopes Almeida, a autora apresenta o modo como as mulheres de Portugal e do Brasil contrariaram o pensamento dessa época e contribuíram para a elevação intelectual da mulher. Dá como exemplo o percurso de Ana de Castro Osório que, de ambos os lados do Atlântico, teve livros aprovados pelos responsáveis pela Instrução Pública dos dois países.

Na terceira e última parte desta obra, de dimensão mais reduzida, Carla Baptista de Freitas refere o entusiasmo de algumas vozes que se manifestaram favoravelmente à emancipação da mulher e à igualdade de direitos, tanto em Portugal como no Brasil, dando como exemplo, a brasileira Júlia Lopes

de Almeida, contemporânea de Ana de Castro Osório e de Emília de Sousa Costa.

Refere ainda que o período entre o fim do Século XIX e as primeiras décadas do Século XX foi rico em manifestações literárias e culturais promovidas pelas classes mais abastadas, o que permitiu a existência de intercâmbios intelectuais entre ambos os sexos, embora à mulher ficasse reservada uma participação mais limitada, como ouvinte ou leitora. Recuperando o já referido papel das Associações, a autora sublinha o seu contributo para a afirmação e valorização da mulher. Recorrendo a vários estudos, como por exemplo, de Bruno Sampaio, Farelo Lopes, Miriam Halpern Pereira, Eduardo Schwalbach Lucci, Rachel Soihet, entre tantos outros, a autora traça o caminho de mulheres ousadas

que não hesitaram em marcar a diferença e com isso esbateram a diferença que havia então entre homens e mulheres.

Esta obra apresenta-se, assim, como um importante contributo para a renovação da ciência histórica acerca dos movimentos femininos e afirma-se como uma leitura de referência para a área de estudos da História das Mulheres e do género. Através de uma viagem de descoberta histórica, literária e cultural, esta obra procura dar voz às mulheres do início do Século XX, confinadas à esfera do lar, silenciadas e oprimidas socialmente, fazendo irradiar para o leitor a singular e extraordinária colecção de mulheres, afinal quase todas elas destemidas numa época que não as deixava brilhar.

OLHARES CRUZADOS

**SOBRE O(S) FEMINISMO(S)
E A EDUCAÇÃO FEMININA**

**EM PORTUGAL E NO BRASIL
NOS ALVORES DO SÉCULO XX**

CARLA BAPTISTA DE FREITAS